

BAIRROS

Reação à altura para combater a violência

Projeto surgido após tentativa de assalto oferece esporte, arte e educação a crianças



Aula de percussão com crianças das favelas da região atendidas pelo projeto, que trabalha conceitos como disciplina, foco e responsabilidade na formação das lurnies - Guilherme Ieporace / Agência O Globo

POR THALITA PESSOA

30/02/2019 09:00



RIO — A reação da economista Vera Lúcia Harouche a uma tentativa de assalto há 18 anos teve final feliz. E surpreendente. Ao ser abordada (e cortada no braço) por um menino de rua, ela não teve nada levado. Mas mudou de comportamento e deixou de ser mais um daqueles que reclamam mas pouco fazem para mudar a sociedade.

Desse episódio, Vera Lúcia tirou a decisão de abrir o Espaço Logos de Cidadania Consciente, uma organização não governamental voltada para o atendimento de crianças em situação de vulnerabilidade social. Hoje, o lugar atende 30 crianças das favelas da Grande Tijuca, com idades entre 6 e 15 anos. E na fila de espera estão outras 60.

A casa de dois andares — localizada na Rua Conde de Bonfim 964, onde Vera Lúcia também mora — não fica restrita às aulas de reforço escolar, teatro, dança, judô, violão, percussão, cavaquinho, cidadania e formação de orquestra de berimbau ministradas por voluntários. Quinzenalmente, os pais são chamados ao espaço para debater a educação dos filhos.

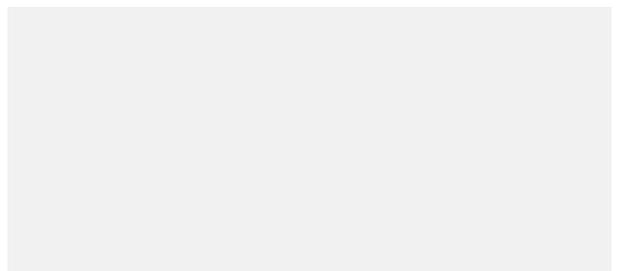
— A família é o seio da educação. Sem ela, fica difícil moldar um cidadão consciente e responsável — afirma Vera Lúcia, que, além de coordenadora, é confidente e mentora das crianças.

Curiosamente, ela não encontrou em sua vida pessoal compreensão e apoio à decisão de abandonar o emprego numa estatal para abrir o projeto. O companheiro de cinco anos considerou sua atitude uma loucura e pôs fim ao relacionamento. Os amigos também lhe faltaram.

— A minha família são esses meninos e meninas. Nunca duvidei de que fiz o certo. Acreditava que estava fazendo um bem a eles, mas o bem que me fazem é muito maior — diz ela, hoje ex-fumante por incentivo dos pupilos.

A falta de parceria com os pais é um dos poucos motivos que levam à saída de uma criança do projeto. Os outros são o excesso de faltas (não são permitidas mais de quatro por

PUBLICIDADE



mês) e a conclusão de que o atendido (ou atendida) já pode caminhar sozinho.

— São as escolas que os encaminham, ao sentir a dificuldade do aluno. Por isso, não abro mais vagas. Acompanho cada um, falo com seus professores. São como filhos — afirma ela.

Voluntária mais antiga do espaço, a professora de ensino fundamental Maria da Conceição Pascoal, de 59 anos, dedica-se há 12 ao projeto no reforço escolar. Conta que, mesmo entre os mais velhos, o analfabetismo funcional é recorrente:

— Chegam aqui com 10, 11, 12 anos só sabendo escrever o nome. Isso é fruto da aprovação automática. E saem daqui sabendo ler, escrever e contar — conta a professora.

Batuque sacode a garotada

Há cinco anos no Espaço Logos de Cidadania Consciente, o músico do Monobloco Ernani Cal se tornou voluntário na casa. Dá aulas de percussão com base na didática do grupo que comanda multidões no carnaval. Ele — ao lado da professora de dança Flávia de Souza, do professor de violão e cavaquinho Wellington Monteiro e da pedagoga Jacira Lino — comanda os alunos da Companhia Folclórica Brincante.

O grupo, criado em 2011 com o patrocínio do Instituto da Criança, estuda e toca ritmos bem brasileiros em suas apresentações em praças, escolas, clubes e festas de empresas. Na maior delas, mostrou a cadência de xote, samba e xaxado, entre outros gêneros, para uma plateia de 1.400 pessoas, na abertura da Rio+20 no Vivo Rio, no ano passado.

— Anualmente, os alunos são provocados a estudar uma passagem da História do Brasil, aprendendo os gêneros musicais do período —

PUBLICIDADE

explica Cal. — Nós queremos que eles toquem e entendam a música.

O despertar de talentos é promovido no rodízio de instrumentos. Depois, cada aluno elege o seu favorito.

— A música ajuda no desenvolvimento cognitivo, aumenta a autoestima e ajuda na socialização. É gratificante perceber como meninos tímidos são hoje soltos e confiantes — conclui o músico.